

boletim

**mercado &
perspectivas**

**novembro
2021**

**CENÁRIO
POLÍTICO
NACIONAL**

**CENÁRIO
ECONÔMICO
NACIONAL**

**CENÁRIO
INTERNACIONAL**

**PRINCIPAIS
INDICADORES
E PROJEÇÕES**

CONCLUSÃO



ECONOMIA EMPRESARIAL
E POLÍTICA

Conselho FecomercioSP

FECOMERCIO**SP**



cenário político nacional

O DESFECHO ELEITORAL ainda é imprevisível. Embora o quadro continue polarizado, o crescimento do candidato Sergio Moro nas pesquisas mostra que, pela primeira vez, pode ter surgido um propósito e um programa para a “terceira via”. Além de conquistar eleitores órfãos do presidente Jair Bolsonaro, Moro pode inviabilizar o crescimento de outros candidatos de centro.

O CRESCIMENTO dele aponta que o problema da terceira via não é falta de espaço, mas falta de especificidade. Com perfil e agenda claros, o espaço será ocupado automaticamente, como aconteceu com o então candidato Bolsonaro em 2018. Moro pode vir a ser esse candidato, pois há um esgotamento da agenda do candidato Luiz Inácio Lula da Silva e um crescente problema econômico que o candidato Bolsonaro terá de enfrentar.

A VIAGEM de Lula à Europa não tem ganhos eleitorais para ele, mas, sim, para os presidentes europeus que o receberam. Eles precisam da ajuda externa da esquerda para evitar a vitória de candidatos como Bolsonaro em seus países. Enquanto isso, a visita do atual presidente da República ao Oriente Médio foi inofensiva.

A DIFICULDADE principal continua sendo os candidatos falarem de problemas conjunturais e proporem soluções sazonais, sem um pensamento de longo prazo.

O DESCOMPASSO não fica só aí. Temas que estão na ordem do dia, como religiosidade, conservadorismo e mudança de costumes, não estão em debate e continuam distantes do mundo político. Os jovens querem saber dos temas de ESG – conjunto de práticas ambientais, sociais e de governança –, que os candidatos menosprezam.

AS REDES SOCIAIS, por sua vez, acabam, com frequência, sendo usadas como gabinete virtual dos políticos. Lula aumentou muito as interações no ambiente digital, embora ainda esteja longe do presidente Bolsonaro. O ex-ministro Moro ainda tem pouca visibilidade, mas vem se destacando nas interações por post. Na verdade, os três estão atrás de engajamento. Enfim, o potencial de crescimento de Moro incomoda a polarização – e é o fato relevante do mês.



cenário econômico nacional



O BRASIL, durante a pandemia, se comportou de forma parecida com o resto do mundo: a economia mostra recuperação em “V”, mas há uma enorme diferença nas condições de saída. Embora as previsões para o crescimento mundial estejam se arrefecendo para 2022, a situação ainda é muito positiva – enquanto, no Brasil, o cenário é bem mais pessimista.

AS DISCUSSÕES sobre precatórios e reformas disfuncionais fizeram o País perder o norte sobre o futuro – tudo improvisado, sem organização nem direção. O ganho fiscal ocorre apenas por causa da aceleração da inflação, e o cenário eleitoral fez o governo deixar os projetos de longo prazo. Todo este quadro já impacta o nível da atividade, com comércio, serviços e indústria já mostrando contração em setembro. Não se pode esperar crescimento com queda de renda real, mercado de trabalho fraco e inflação galopante.

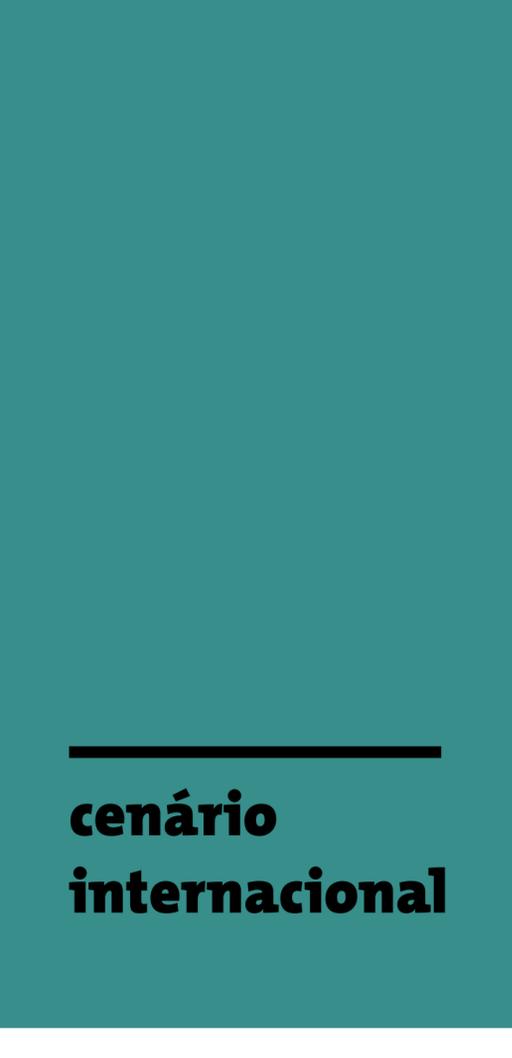
OS NÚMEROS do setor industrial apontaram queda de 3,9% em setembro, em comparação ao mesmo mês de 2020. No terceiro trimestre, a queda foi de 1,7% em relação ao segundo. Desorganização das cadeias globais de produção, pressão de custos de matéria-prima e energia, pelo lado da oferta, além da desaceleração da demanda, são as principais causas.

HÁ TAMBÉM fortes sinais de lentidão no mercado imobiliário. Houve muitos lançamentos ao longo do ano, haja vista que não se contava com alta de juros tão forte. As vendas do terceiro trimestre apontaram quedas expressivas – o mesmo ocorrendo com o volume de financiamentos imobiliários.

AS EXPECTATIVAS de inflação para 2022 devem continuar se elevando, portanto, não se pode esperar números dentro da banda. Vários fatores apontam para este resultado, como a não contribuição do câmbio, a incerteza fiscal, o aumento do custo de energia elétrica e a recomposição dos preços dos serviços, que estiveram muito abaixo da inflação em 2021. A taxa de juros deve permanecer alta.

COMÉRCIO E SERVIÇOS já sentem o peso da inflação. As pessoas estão sendo compelidas a gastar em produtos mais básicos, afetando as quantias dispensadas para varejo e serviços, principalmente os não essenciais. Os dois segmentos mostraram resultados negativos em setembro.

O DÉCIMO TERCEIRO salário deve ser direcionado, primordialmente, para pagamentos de dívidas, uma vez que o endividamento já atinge 71% dos lares em São Paulo, de acordo com a Radiografia do Crédito e do Endividamento das Famílias nas Capitais Brasileiras, elaborada pela **FecomercioSP**. Demanda final fraca e aumento do custo de mão de obra serão fatores limitativos a uma expansão mais significativa do mercado de trabalho no ano que vem.



cenário internacional

O PRESIDENTE Joe Biden confirmou a recondução de Jerome Powell à presidência do Fed – o banco central dos Estados Unidos –, o que acalmou o mercado. Ainda em relação à economia norte-americana, vale destacar as aprovações do pacote de infraestrutura no valor de US\$ 1,2 trilhão e do pacote social no valor de US\$ 1,75 trilhão, este aprovado na Câmara. Se o Senado confirmar a decisão, o estímulo representará praticamente mais US\$ 3 trilhões a serem desembolsados ao longo dos próximos anos. Para financiar tais programas, é provável um aumento de tributos, que podem atingir as *big techs* e as empresas que fazem negócios no exterior – mas esta possibilidade ainda está incerta.

ESTES PROGRAMAS visam, de um lado, a aumentar a competitividade da economia estadunidense para enfrentar a China sem precisar elevar impostos de importação; e, de outro, a criar condições para que a população de baixa renda tenha mais oportunidades e possa ser mais competitiva e aumentar o nível de remuneração. Esta preocupação distributiva também se observa na China, mas de forma diferente. Não se pode garantir que esses programas tenham sucesso, mas há o risco de impactarem o ritmo de crescimento da economia. Na China, isto ocorreria por meio do enfrentamento das grandes empresas e pela diminuição da alavancagem.

O DEBATE sobre a inflação fica ainda mais importante, na medida que estímulos fiscais delimitam mais desafios aos bancos centrais, os quais enfrentam um cenário muito desafiador. Os preços dos ativos permanecem elevados por causa dos estímulos monetários, ao passo que a taxa de juros se mantém baixa pela alta demanda do Fed. A possível retirada de estímulos e o aumento dos gastos fiscais podem causar grande impacto nos juros de mercado.

OS BONS RESULTADOS do varejo norte-americano, em outubro, têm muita relação com as promoções pré-Black Friday. Eletrodomésticos e construção lideraram as vendas, enquanto os setores de restaurantes e vestuário não foram bem. A perspectiva é de que a inflação mais elevada comece a influenciar negativamente as vendas nos próximos meses.

NA CHINA, o presidente Xi Jinping conseguiu permissão para continuar no poder, seguindo para seu terceiro mandato. Apesar disto, não se deve esperar qualquer arrefecimento nas reformas, que têm características muito mais ideológicas do que pragmáticas.

O NOVO MODELO chinês é baseado na busca de crescimento com qualidade – e não de crescimento a qualquer custo –, com novas leis contra a alavancagem. O sucesso certamente não é garantido, até porque tentativas de redistribuição de renda via imposições do governo, em geral, causaram problemas.

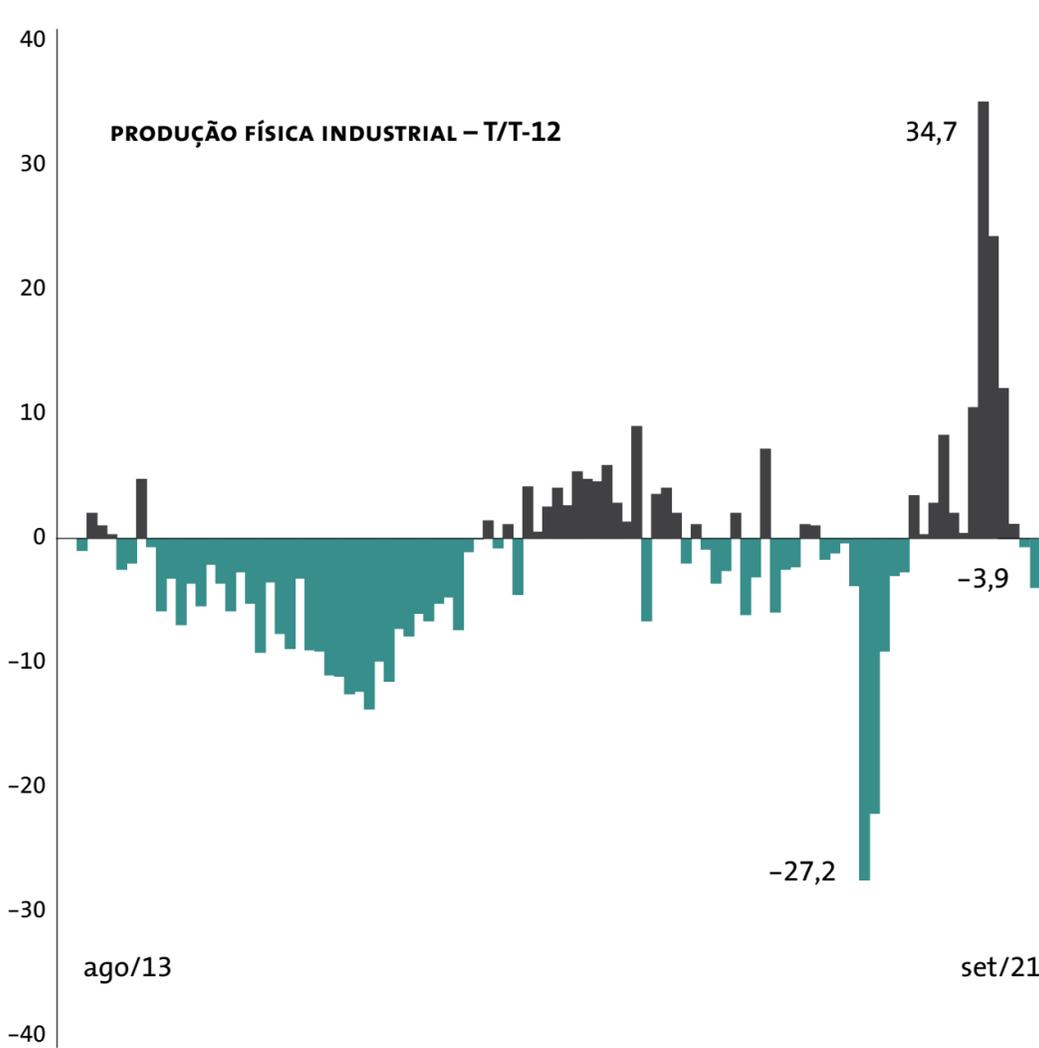
EXISTE MUITA PRESSÃO das práticas ESG nas empresas para mudança de matriz energética, ocasionando subprogramação de investimentos no setor fóssil. Nesta transição, não estão sendo consideradas a velocidade e a baixa capacidade para alterar a matriz energética, o que acaba afetando os preços de combustíveis fósseis.

principais indicadores e projeções

INDÚSTRIA

CATEGORIAS DE USO	VARIÇÃO PORCENTUAL		
	AGO 21/AGO 20	ACUMULADO	
		NO ANO	12 MESES
Bens de capital	15,0	38,2	31,7
Bens intermediários	-3,6	5,9	5,7
Bens de consumo	-8,7	4,5	3,0
Duráveis	-22,3	13,1	9,5
Semiduráveis e não duráveis	-5,0	2,5	1,5
Indústria geral	-3,9	7,5	6,4

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).



A indústria brasileira simplesmente não consegue manter um ritmo de crescimento de longo prazo. Conforme se observa no gráfico acima, são poucos períodos de desenvolvimento, e sempre posteriores a momentos de crise aguda. Em outras palavras, a expansão da indústria é absolutamente circunstancial há décadas. A entrada de países do Sudeste Asiático, em especial da China, no circuito global produtivo continua sendo um evento não superado pela indústria nacional, de forma geral. O volume de produção industrial está, na melhor das hipóteses, estagnado há muitos anos, em média. O deslocamento da economia para os serviços é evidente no mundo todo, assim como a transferência da produção física para a Ásia, com poucas exceções. Com a melhoria da logística e a redução dos custos de transporte, este fenômeno se acentuou. Com tudo mais constante após a pandemia (claro, algumas alterações gradativas devem ocorrer), retomar o processo de industrialização do País não será tarefa trivial, uma vez que não pode ser feito às custas do sacrifício de outros setores (protecionismo, incentivos fiscais exagerados etc.).



VARIAÇÃO PORCENTUAL SOBRE O MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR

PMS		JUL/21	AGO/21	SET/21	AC. ANO	AC. 12 MESES
	Brasil	17,8	16,6	11,4	11,4	6,8
RESULTADOS	São Paulo	17,1	17,7	10,2	11,6	6,9

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

SERVIÇOS	AC. ANO	AC. 12 MESES
TOTAL	11,4%	6,8%
SERVIÇOS PRESTADOS ÀS FAMÍLIAS	16,4%	0,5%
Serviços de alojamento e alimentação	18,9%	1,7%
Outros serviços prestados às famílias	4,5%	-5,5%
SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	9,5%	7,2%
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	9,4%	7,8%
Telecomunicações	0,5%	-0,3%
Serviços de Tecnologia da Informação (TI)	24,5%	21,4%
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	10,6%	2,8%
SERVIÇOS PROFISSIONAIS, ADMINISTRATIVOS E COMPLEMENTARES	7,8%	2,4%
Serviços técnico-profissionais	14,5%	9,0%
Serviços administrativos e complementares	5,2%	-0,2%
TRANSPORTES, SERVIÇOS AUXILIARES AOS TRANSPORTES E CORREIO	15,9%	10,1%
Transporte terrestre	15,5%	9,0%
Transporte aquaviário	13,4%	12,1%
Transporte aéreo	36,4%	10,2%
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	13,6%	11,2%
OUTROS SERVIÇOS	8,6%	8,6%

SERVIÇOS	SET/20	OUT/20	NOV/20	DEZ/20	JAN/21	FEV/21	MAR/21	ABR/21	MAI/21	JUN/21	JUL/21	AGO/21	SET/21	AC. ANO	AC. 12 MESES
TOTAL	-7,2%	-7,4%	-5,0%	-3,1%	-4,7%	-2,0%	4,5%	19,8%	23,0%	21,1%	17,8%	16,7%	11,4%	11,4%	6,8%
1. SERVIÇOS PRESTADOS ÀS FAMÍLIAS	-36,4%	-30,2%	-26,1%	-25,3%	-27,6%	-28,1%	-17,1%	65,8%	76,8%	72,6%	76,3%	42,2%	32,2%	16,4%	0,5%
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	-38,4%	-30,7%	-25,8%	-25,6%	-27,6%	-28,8%	-17,3%	77,1%	87,6%	82,0%	86,3%	46,2%	37,2%	18,9%	1,7%
1.2 Outros serviços prestados às famílias	-25,2%	-27,3%	-27,7%	-23,5%	-28,0%	-24,0%	-16,5%	27,4%	35,6%	34,5%	33,7%	23,3%	9,3%	4,5%	-5,5%
2. SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	-1,0%	0,0%	1,3%	1,8%	1,7%	2,7%	6,2%	12,8%	14,2%	13,6%	11,3%	13,6%	10,1%	9,5%	7,2%
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	1,3%	3,4%	3,0%	3,3%	5,0%	4,9%	7,4%	11,7%	12,5%	10,8%	10,1%	12,8%	9,4%	9,4%	7,8%
2.1.1 Telecomunicações	-2,8%	-2,7%	-3,2%	-2,3%	0,2%	-2,1%	-0,3%	0,9%	1,9%	0,7%	2,0%	1,8%	-0,4%	0,5%	-0,3%
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	8,8%	14,7%	14,0%	11,0%	13,5%	17,8%	20,2%	31,2%	31,5%	26,7%	23,4%	31,4%	25,0%	24,5%	21,4%
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-17,7%	-21,4%	-9,5%	-7,7%	-21,4%	-14,4%	-3,1%	23,6%	31,9%	44,1%	22,5%	20,9%	15,8%	10,6%	2,8%
3. SERVIÇOS PROFISSIONAIS, ADMINISTRATIVOS E COMPLEMENTARES	-13,6%	-13,5%	-10,4%	-7,6%	-6,7%	-2,2%	0,7%	10,9%	15,9%	16,6%	14,1%	12,7%	9,6%	7,8%	2,4%
3.1 Serviços técnico-profissionais	-7,8%	-6,9%	-2,4%	-2,3%	3,0%	8,2%	6,4%	14,7%	25,9%	21,3%	22,7%	12,5%	16,1%	14,5%	9,0%
3.2 Serviços administrativos e complementares	-15,7%	-16,0%	-13,6%	-9,9%	-9,9%	-5,7%	-1,4%	9,5%	12,2%	14,7%	10,7%	12,8%	7,0%	5,2%	-0,2%
4. TRANSPORTES, SERVIÇOS AUXILIARES AOS TRANSPORTES E CORREIO	-6,3%	-8,2%	-4,7%	-2,0%	-4,0%	-0,5%	8,8%	30,7%	32,5%	28,0%	21,0%	19,6%	13,7%	15,9%	10,1%
4.1 Transporte terrestre	-8,2%	-10,7%	-7,5%	-3,5%	-6,7%	-2,8%	11,1%	37,1%	32,6%	29,6%	21,6%	17,5%	10,9%	15,5%	9,0%
4.2 Transporte aquaviário	10,9%	9,0%	4,8%	10,4%	7,9%	1,7%	7,5%	17,1%	14,4%	15,9%	21,1%	17,9%	11,7%	13,4%	12,1%
4.3 Transporte aéreo	-35,5%	-37,4%	-31,9%	-34,6%	-23,5%	-30,3%	-26,7%	136,9%	217,1%	162,2%	95,8%	86,6%	39,6%	36,4%	10,2%
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,5%	0,3%	5,5%	6,6%	3,7%	11,1%	13,6%	20,2%	23,1%	14,4%	10,1%	12,6%	13,7%	13,6%	11,2%
5. OUTROS SERVIÇOS	13,2%	8,7%	7,3%	9,6%	-2,2%	1,2%	7,3%	16,8%	20,6%	15,6%	10,8%	11,7%	-1,5%	8,6%	8,6%

TURISMO	SET/20	OUT/20	NOV/20	DEZ/20	JAN/21	FEV/21	MAR/21	ABR/21	MAI/21	JUN/21	JUL/21	AGO/21	SET/21	AC. ANO	AC. 12 MESES
Brasil	-44,7%	-33,6%	-29,5%	-29,8%	-29,1%	-31,1%	-19,1%	73,4%	102,2%	92,7%	83,0%	53,8%	36,6%	19,9%	1,0%
São Paulo	-47,2%	-40,9%	-35,2%	-37,1%	-37,7%	-39,3%	-27,7%	53,8%	84,8%	69,9%	55,9%	38,8%	23,1%	7,0%	-9,9%
Paraná	-39,2%	-28,6%	-27,0%	-24,5%	-28,7%	-30,4%	-24,3%	90,9%	71,6%	67,1%	63,4%	30,8%	22,0%	11,8%	-2,2%
Santa Catarina	-40,4%	-21,9%	-27,7%	-29,8%	-25,8%	-23,3%	-16,5%	65,5%	68,3%	58,1%	76,7%	51,8%	32,4%	16,4%	1,2%
Rio Grande do Sul	-55,1%	-35,8%	-37,7%	-37,3%	-29,7%	-28,2%	-33,2%	115,3%	143,5%	139,9%	150,7%	95,4%	65,1%	36,0%	6,7%
Goias	-40,3%	-19,5%	-11,0%	-8,5%	-18,6%	-14,3%	-1,1%	133,3%	154,1%	134,7%	115,5%	66,4%	42,7%	42,3%	22,2%
Distrito Federal	-52,8%	-36,3%	-41,9%	-30,9%	-22,2%	-29,6%	-26,4%	70,4%	164,8%	168,7%	125,0%	90,3%	41,7%	35,8%	6,5%

Amplie para visualizar a tabela completa

O setor de Serviços foi o primeiro a ser atingido pelos efeitos da pandemia e será o último a se recuperar. O ritmo continua desacelerando e há um caminho longo para recuperar as perdas com a crise sanitária, apesar de o patamar atual do volume de serviços estar próximo ao que se viu em 2019. Em termos de receitas reais (descontada a inflação pelo IPCA), o atual patamar ainda é 5% a 10% menor do que a média de 2019. A depender do desempenho no fim do ano, é possível que o patamar da atividade seja retomado na margem, ainda que nem todas as perdas ocorridas nos últimos dois anos sejam repostas. Vamos observar como o setor se comporta.



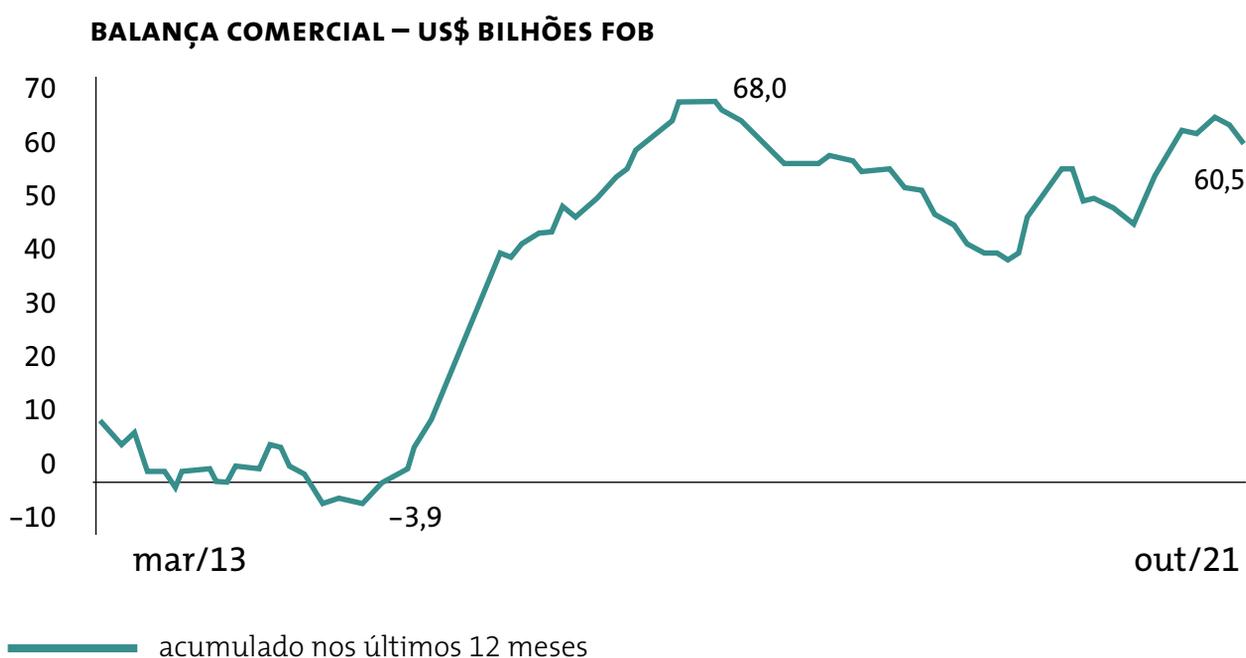
PMC		VARIÇÃO PORCENTUAL SOBRE O MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR			AC. ANO	AC. 12 MESES
		JUL/21	AGO/21	SET/21		
PMC NORMAL	Brasil	5,7	-4,1	-5,5	3,8	3,9
	São Paulo	5,8	-1,8	-5,7	4,6	4,2
PMC AMPLIADO	Brasil	7,1	-0,1	-4,2	8,0	7,0
	São Paulo	3,4	-1,8	-8,9	5,6	5,0

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Pouca (ou nenhuma) alteração nos prognósticos para o varejo nos últimos meses. Na verdade, o resultado de agosto foi ligeiramente pior do que o esperado pelo mercado, mas dentro dos parâmetros possíveis de leitura da **FecomercioSP** (não há como ter grande precisão nas projeções diante deste cenário, mas é possível acertar a direção). O varejo ampliado no Brasil (o dado mais importante, de fato) caiu 4,2% sobre o mesmo mês de 2020 e acumula, no ano, crescimento de 8%. Diante do atual panorama, que continua adicionando incertezas mês a mês – principalmente em decorrência da antecipação do calendário eleitoral –, as perspectivas de crescimento do varejo em 2021 estão entre 5% e 7%, patamar que, conforme o previsto, foi revisto para baixo. Apesar de algumas atividades, como vestuário, ainda poderem apresentar desempenho positivo no Natal, há muitas incertezas quanto a outros setores relevantes, como supermercados, veículos e material de construção. Também há de ser feita a distinção entre volume e faturamento real (faturamento nominal deflacionado pelo IPCA). O comércio não caiu tanto entre 2020 e 2021, no entanto, agora, o setor, que recebeu muitos estímulos durante a pandemia, dá sinais claros de esgotamento. Há riscos para o desenvolvimento em 2022.



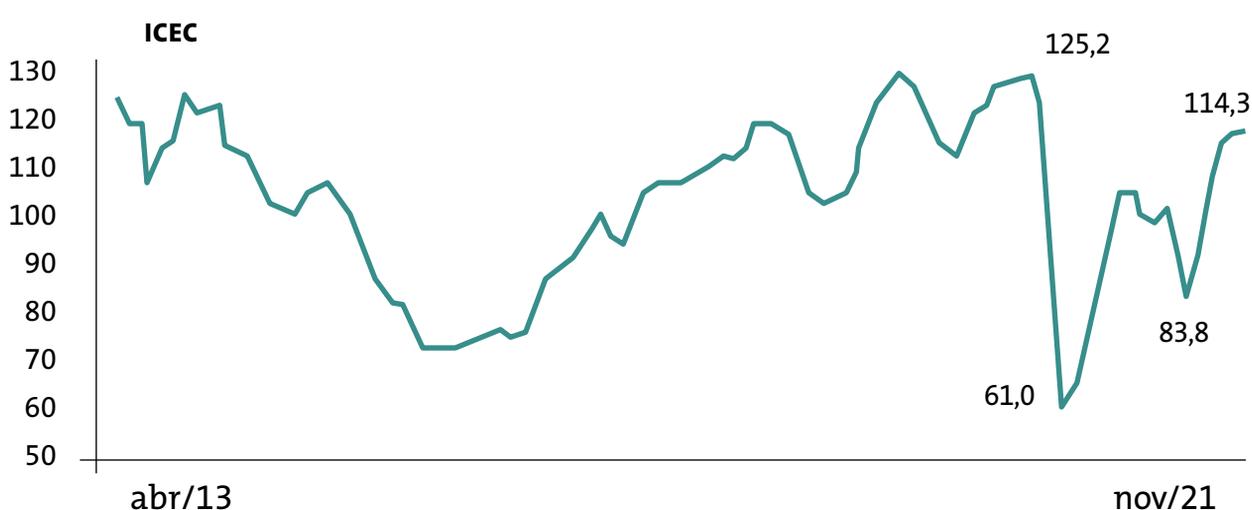
SETOR EXTERNO – BALANÇA COMERCIAL



O saldo da balança comercial mantém superávit pouco superior a US\$ 60 bilhões, mesmo com a desaceleração nos dois últimos meses. Ainda assim, não há motivos imediatos para rever as projeções de que as exportações cresceriam entre 35% e 30% em relação ao ano passado, e as importações, algo como 40% – o que redundaria neste resultado líquido ao redor de US\$ 60 bilhões. Essa previsão, feita no mês passado, parece ainda ajustada. Há fatores cambiais favoráveis ao aumento das exportações, mas, por outro lado, existe uma evidente desaceleração da economia global, e não só no Brasil (ou pelo menos as projeções de crescimento estão mais modestas).



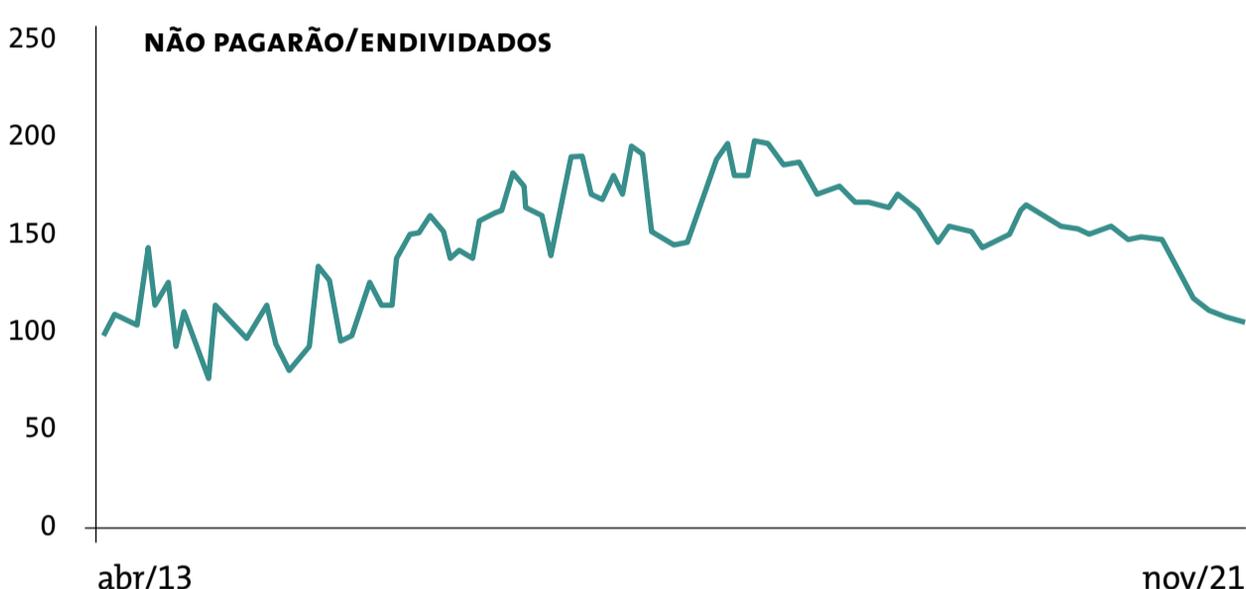
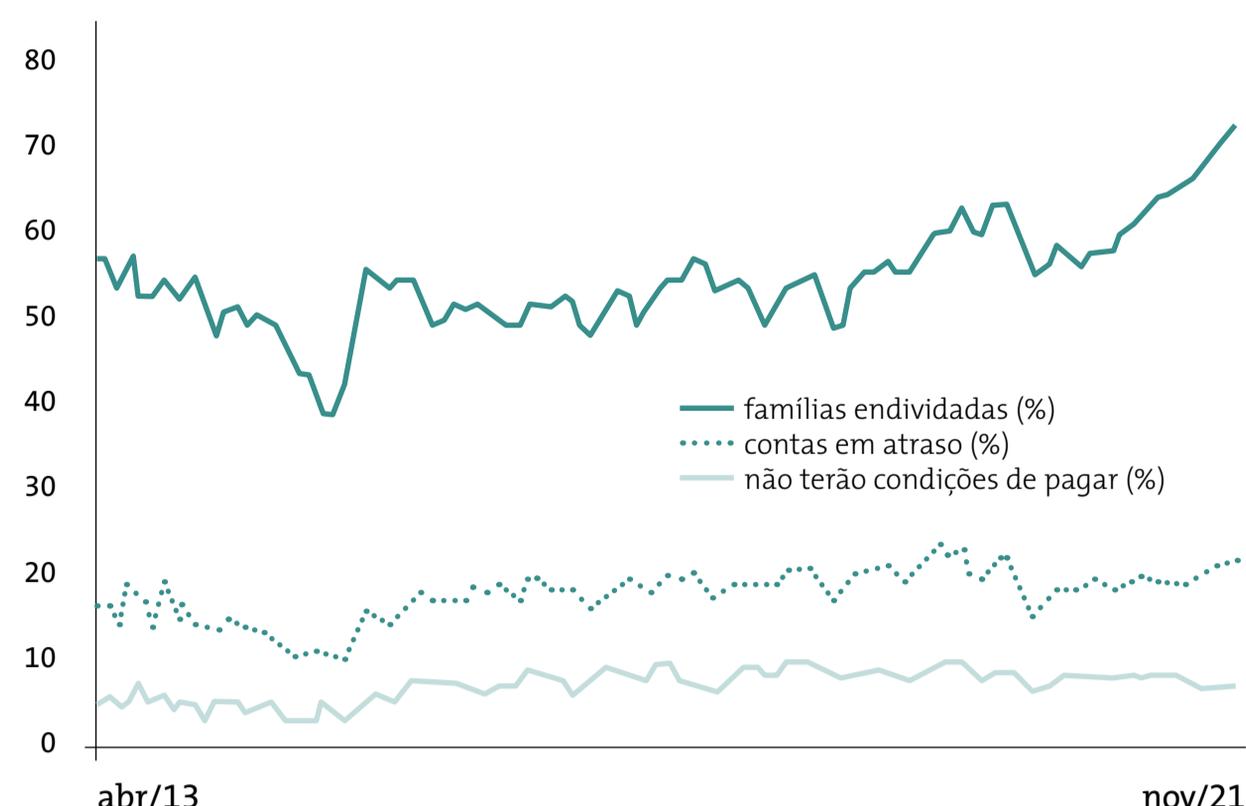
CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO (ICEC) DA FECOMERCIO-SP



O indicador de confiança dos empresários se manteve bastante estável nestes últimos dois meses – e isso indica que pode haver mudança de humor em breve. Para o varejo, o fim de ano traz, em geral, uma melhora nas perspectivas em virtude das vendas de novembro/dezembro. Por outro lado, as perspectivas estão sendo revisadas para baixo, e não é possível, neste momento, apostar de fato na queda da confiança dos empresários, mas ao menos fica o sinal de alerta sobre esta possibilidade. Além da inflação, que atenta contra o consumidor, este pode adotar postura mais conservadora nas compras. Além disso, é possível que o efeito negativo da perda de confiança roube parte do efeito positivo esperado em razão do décimo terceiro, que deve ser maior em 2021. Para além disso, os custos, as incertezas e a mudança generalizada de humor dos mercados podem influenciar negativamente a opinião dos empresários do setor comercial, justamente nesta época. Novembro mostra sinais de atenção, mas não de desespero, segundo o indicador.



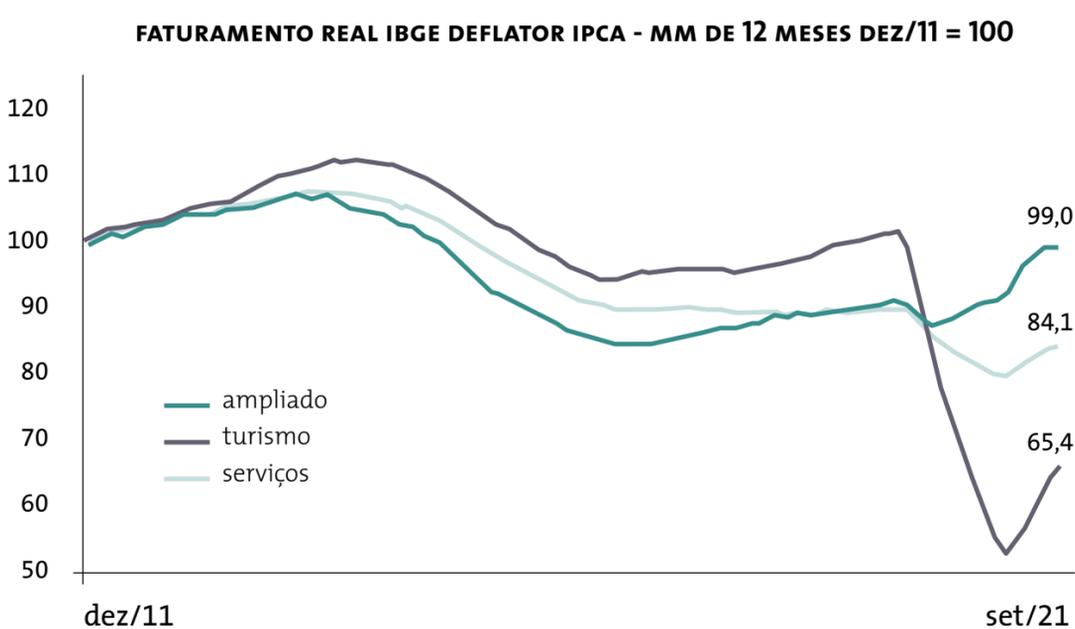
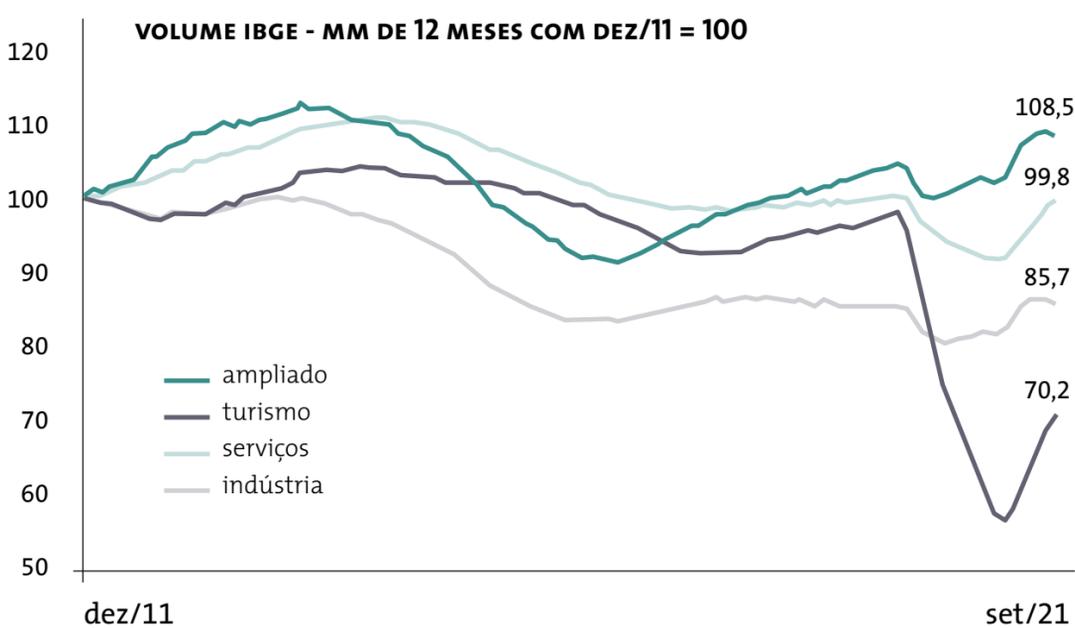
ENDIVIDAMENTO – SP



Este é o quadro mais relevante de ser acompanhado no curto prazo: o mercado de crédito mantém a expansão, estimulado pelo aumento do emprego formal (este último e a carteira de empréstimos têm grande correlação), apesar de a perspectiva de futuro ter se deteriorado nos últimos dias. Se as percepções de inflação, risco fiscal e mais contaminação provinda do ambiente político para o econômico não forem aliviadas, é muito possível que o mercado de crédito comece também a fazer ajustes, desacelerando o ritmo de crescimento. Assim, no médio prazo, também é possível que as famílias passem a sentir um pouco mais de dificuldades em honrar as dívidas. Por enquanto, há ainda forte corrida das famílias buscando crédito, com o grau de endividamento batendo recordes. Apesar de tal fato não ter ainda se convertido em inadimplência, é importante ficar atento a estes dados, uma vez que o grau de exposição está muito maior do que o histórico.



DESEMPENHO DE LONGO PRAZO



Os gráficos acima mostram que os setores não só reagiram a um momento “exótico” da pandemia, como também estão servindo como um bom painel do desempenho de longo prazo da economia brasileira em seus setores.

O gráfico de volume é particularmente importante em termos de contas nacionais. Por meio deste dado, nota-se que, desde 2011, apenas comércio havia superado o ponto de partida, enquanto serviços se mantinham muito próximos ao patamar de produção da média daquele mesmo ano. Turismo (derivado dos serviços) e indústria, mesmo antes da pandemia, mostravam sinais de que não haviam se recuperado da crise de 2015/2016. Na verdade, nenhum setor voltou ao ponto máximo pré-crise daquela época, mas indústria e turismo foram os mais afetados após eventos traumáticos. Tudo indica que, no caso da indústria, o fenômeno seja estrutural, ao passo que, no caso do turismo, ainda paira o pensamento de que o setor seja “supérfluo” em momentos de crises, as quais assolam o País quase que ininterruptamente há seis anos.

No caso do gráfico de faturamento real, o que se observa é o patamar real dos valores faturados pelos setores apresentados (o IBGE não divulga dados sobre faturamento da indústria, somente volume). Também, neste caso, nenhum segmento voltou aos patamares máximos ocorridos em 2014. A economia brasileira, portanto, tem patinado por mais de uma década, com um desempenho de crescimento médio modesto do Produto Interno Bruto (PIB) de 1% a 2% a partir de 2022. O ponto máximo do produto nacional (inclusive para cada setor) só será retomado entre três e cinco anos, mais de uma década após ter atingido este patamar, em 2014.



PROJEÇÕES

VARIÁVEL	2020	2021		
		OTIMISTA	PROVÁVEL	PESSIMISTA
IPCA	4,4%	10,5%	11,0%	11,5%
Selic – fim de período	2,00%	8,50%	9,25%	9,50%
Taxa de câmbio – fim de período	R\$ 5,20	R\$ 5,30	R\$ 5,50	R\$ 5,70
Balança comercial	US\$ 51 bi	US\$ 65 bi	US\$ 63 bi	US\$ 58 bi
Conta corrente	-US\$ 5 bi	-US\$ 25 bi	-US\$ 20 bi	-US\$ 25 bi
Produção industrial (% crescimento)	-4,5%	6,5%	5,5%	5,0%
Varejo Brasil (% crescimento)	-1,5%	6,0%	5,0%	4,0%
Varejo São Paulo PCCV (% crescimento)	-3,2%	9,0%	8,0%	7,0%
Massa de rendimentos – SP	-5,0%	3,0%	2,0%	1,0%
Massa de rendimentos – BR	-4,0%	3,0%	2,0%	1,0%
Volume de crédito – PF	-5,0%	10,0%	7,0%	5,0%
Déficit Fiscal Primário (% do PIB)	11,0%	1,0%	1,3%	1,5%
Dívida Pública Federal Bruta (% do PIB)	89,0%	81,0%	83,0%	85,0%
PIB (% crescimento)	-4,1%	5,0%	4,5%	4,0%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Tesouro Nacional, Banco Central do Brasil (BCB) e **FecomercioSP**.

Cálculos: *Scopus Consultoria*.

Acima, algumas projeções com base nos dados setoriais e financeiros disponíveis no momento da confecção do boletim.

conclusão

Os prognósticos da **FecomercioSP** para a economia, em 2021, estão, de forma geral, se concretizando, dado que a Entidade se manteve muito conservadora, ao esperar crescimento abaixo de 5% do PIB e inflação e câmbio mais elevados do que a média de mercado. Apesar de projeções mais tradicionais (ou menos otimistas), ainda assim, os ajustes foram para pior, e não para melhor, o que cria um ambiente de expectativas mais pessimista para o próximo ano.

Em 2022, as dúvidas continuarão, como ocorreu durante a pandemia, dificultando a tarefa dos analistas. Na verdade, desde 2020, em razão da covid-19 e de seus efeitos sobre movimentação de consumidores, mudanças de hábito, problemas na cadeia de abastecimento e elevado grau de incerteza de consumidores e empresas, os prognósticos têm sido constantemente alterados e pouco eficientes para antecipar, de forma mínima, o desempenho da economia. No ano que vem, a despeito de o mundo gradativamente se distanciar dos piores momentos da crise sanitária, no Brasil, o fator eleitoral agrega inseguranças. Mais do que as incertezas normais de um típico período de eleições, o pleito de outubro de 2022 pode ser bastante concorrido, com um quadro de animosidade e forte competição entre partidos, políticos e ideologias. Isso indica que as promessas e os projetos tendem a ser irrealistas e/ou populistas, com efeito deletério, em especial sobre as contas públicas, derivando-se disso pressão sobre preços e câmbio, retração de investimentos e menor geração de empregos.

PRESIDENTE

Abram Szajman

SUPERINTENDENTE

Antonio Carlos Borges

FECOMERCIO SP

Rua Dr. Plínio Barreto, 285
Bela Vista • São Paulo

11 3254-1700 • fax

11 3254-1650

ri@fecomercio.com.br

www.fecomercio.com.br

PRODUÇÃO 

DEZEMBRO 2021

Esta publicação é uma produção do Conselho de Economia Empresarial e Política (CEEP) da **FecomercioSP**, presidido por Antonio Lanzana e Paulo Delgado.